

Cidades com stress hídrico

Algumas cidades e regiões metropolitanas vivem, em “stress hídrico”. A experiência nos países desenvolvidos mostra que, seja qual for o valor da conta, a gestão integral com a utilização das águas subterrâneas e reúso da água como alternativa para abastecimento total ou complementar.

A recuperação de mananciais é a mais barata, inclusive do ponto de vista ambiental e de imagem, do que condenar o manancial de superfície a ser definitivamente um depósito de lixo, enquanto busca-se um novo rio para exploração predatória.

No Congresso Nacional e Assembléias Legislativas correm projetos que tratam do tema, procurando antecipar-se um ao outro, para tutelar a água.

Além disso, ainda que os Governos - Federal, Estaduais, Usuários e Sociedade Civil Organizada discordem sobre questões estruturais, que existam debates acalorados sobre a privatização, cobrança pelo direito de uso da água e do solo, os ventos que sopram podem trazer soluções.

Grande parte da briga é resultante da disputa por legislar sobre o assunto, e não por eximir-se da responsabilidade.

Todas as idéias, opiniões, discursos e sugestões valem pouco sem passar pelo processo de formalização legal.

O Livro **Águas Doces no Brasil - Aldo da Cunha Rebouças** - não prevê o futuro; apenas transmite a informação de que é chegada a hora de tomar as decisões necessárias a fim de garantir água para o sustento desta geração e das próximas.

O foco do livro é a oferta de um caminho para que professores, técnicos, usuários e a Sociedade Civil Organizada, juntos, possam ampliar suas esferas de cooperação. **A falta d'água necessita de definições.**

A “**estratégia da escassez**” tem levado instituições sérias, tais como a ONU - Organização das Nações Unidas, o Banco Mundial, a dizerem que se usa, atualmente, cerca de **50% das reservas de água potável do planeta**, e que, se o padrão atual de consumo for mantido, **serão 75% em 2025**.

Assinalam, ainda, que esse índice **chegaria a 90%** se o consumo nos países em desenvolvimento (entre 100 e 400 m³/ano per capita) alcançasse valores iguais ao dos países desenvolvidos (entre 1.000 e mais de 2.000 m³/ano per capita).

A ONU prevê ainda que, se não forem adotadas medidas para conter o crescimento do consumo nos países em desenvolvimento, dentro de 25 anos a escassez atual de água potável que atinge dois bilhões de pessoas no mundo terá duplicado.

Neste quadro, todavia, considera-se como potável, tão somente, a parcela de água que está acumulada na calha dos rios e nos lagos, para cuja utilização são realizados grandes investimentos públicos para construção de obras extraordinárias de captação ou de tratamento.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br